



Revista Brasileira de Ciências do Esporte

ISSN: 0101-3289

rbceonline@gmail.com

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
Brasil

CRUZ TSUKAMOTO, MARIANA HARUMI; NUNOMURA, MYRIAN
INICIAÇÃO ESPORTIVA E INFÂNCIA: UM OLHAR SOBRE A GINÁSTICA ARTÍSTICA
Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol. 26, núm. 3, mayo, 2005, pp. 159-176
Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338510011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

INICIAÇÃO ESPORTIVA E INFÂNCIA: UM OLHAR SOBRE A GINÁSTICA ARTÍSTICA

Ms. MARIANA HARUMI CRUZ TSUKAMOTO

Professora da Universidade Paulista (Unip)

E-mail: maharumi@uol.com.br

Dra. MYRIAN NUNOMURA

Professora da Escola de Educação Física e Esporte da USP

E-mail: mnunomura@usp.com.br

RESUMO

Atualmente, a iniciação esportiva é tema que gera muita discussão. A literatura preconiza que durante essa fase a criança deve praticar diversas modalidades esportivas, principalmente para desenvolver uma base motora variada e, posteriormente, estar apta a escolher uma delas para dedicar-se. A Ginástica Artística (GA) é uma das opções possíveis dentro desses programas. O objetivo do presente estudo foi investigar como se processa a iniciação nessa modalidade em clubes esportivos de São Paulo. Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista semi-estruturada e para o tratamento dos dados, a análise de conteúdo. Os resultados revelaram que os caminhos da iniciação esportiva na GA não estão muito claros, o que pode ser reflexo da ênfase pela busca de resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Iniciação esportiva; ginástica artística; infância.

INTRODUÇÃO

O envolvimento de crianças no esporte é fenômeno crescente no mundo. As contribuições proporcionadas pela prática esportiva, quando orientada adequadamente, abrangem todas as dimensões do desenvolvimento, seja social, cognitivo, afetivo, físico ou motor.

No entanto, há muitos questionamentos quando o tema é “Esporte e Infância”. Certas discussões preocupam-se em responder a duas perguntas: quando iniciar a prática esportiva e como ela deve ser iniciada.

No esporte atual, a tendência é iniciar cada vez mais cedo em alguma modalidade esportiva, no intuito de obter-se, rapidamente, sucesso e vitórias. Por outro lado, essa atitude é contrária às necessidades das crianças, em especial do ponto de vista motor, considerando a importância da variedade de experiências nessa fase, principalmente para ampliar o acervo motor e ter condições de optar pela modalidade que deseja praticar.

No caso da Ginástica Artística (GA), a precocidade é ainda mais freqüente em virtude de argumentos que associam o sucesso na modalidade à menor dimensão corporal dos praticantes. Na GA as atletas atingem as competições de alto nível muito jovens, como o caso de uma das integrantes da seleção brasileira de GA nos Jogos Olímpicos de Atenas, Laís Souza, com apenas 15 anos de idade. O fato sugere a prática esportiva especializada desde muito cedo.

No entanto, para atingir o alto nível é necessário passar por um longo processo de formação esportiva. Estima-se que são necessários de 8 a 12 anos de preparação para formar um atleta. No entanto, nas fases iniciais do processo não é possível prever quem chegará ao alto nível, pois, acrescidas às qualidades físicas, outros fatores, como perseverança e desejo de atingir tal objetivo, também se relacionam ao atleta de elite.

O objetivo do presente estudo foi investigar as características de determinados programas de iniciação esportiva em clubes esportivos da cidade de São Paulo e, em especial, como a modalidade GA vem sendo desenvolvida dentro desse âmbito.

REFERENCIAL TEÓRICO

Processo de Formação Esportiva

Segundo Adelino, Vieira e Coelho (1998), a formação esportiva envolve conhecimentos gerais do esporte e da modalidade selecionada, que todos os praticantes deveriam possuir. A consequência é a assimilação de comportamentos que

os praticantes manifestariam em todas as situações relacionadas ao esporte (treino, competição etc.).

Assim, entenderíamos a formação esportiva como um processo que se estende ao longo de toda a vida, que ocorre gradualmente e em etapas. Seus objetivos não se limitam a atingir o alto nível, mas também tem impacto sobre a educação e a formação do cidadão. Dois momentos distintos, mas interligados, desse processo são a iniciação e a especialização.

Podemos definir iniciação como o primeiro passo na formação esportiva, em que se procura ensinar os aspectos básicos de uma ou mais modalidades e promover as primeiras adaptações no indivíduo para que ele possa responder aos novos estímulos (Adelino, Vieira, Coelho, 1998; Weineck, 1999; Bompá, 2000).

Segundo Gaya, Torres e Balbinotti (2002), a iniciação pode ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento na infância, desde que as características motoras, cognitivas, afetivas e sociais sejam respeitadas em situações pedagogicamente adequadas. Os autores ressaltam, também, a importância de que a iniciação esportiva não vise resultados imediatos, a especialização precoce, a seleção de talentos e tampouco a exclusão. A literatura enfatiza que a criança tem potencial para práticas esportivas, desde que suas características sejam respeitadas e não se exijam resultados além daqueles que ela pode obter.

Há literatura farta a respeito à forma como a formação esportiva deveria ocorrer (Greco, Benda, 1998; Peña, Chaurra, Zuluaga, 1998; Weineck, 1999; Bompá, 2000; Zakharov, Gomes, 2003). Apesar dos autores sugerirem segmentações diferenciadas e atribuírem nomenclaturas diferentes para as fases, a estrutura básica dos modelos é bastante similar.

Assim, o processo de formação esportiva deveria iniciar por volta dos 6 anos de idade, momento da prática de diferentes modalidades esportivas, que vise, principalmente, à formação generalizada, à ampliação do seu acervo motor e ao prazer da prática. A variedade é muito valorizada nessa fase, pois não sabemos as inclinações ou decisões futuras das crianças. Esse fato torna mais importante ainda por oferecer subsídios e experiências para que elas possam ter opções no futuro.

Na segunda fase, passaria a existir certo direcionamento das crianças para modalidades de sua preferência, com a prática concomitante de outras modalidades. A terceira fase corresponderia à canalização dos esforços para a prática especializada de uma única modalidade, visando à obtenção de resultados máximos.

Um problema comum no processo de formação esportiva é, sem dúvida, a "queima de etapas": fases iniciais são ignoradas em prol de resultados imediatos, e a formação generalizada cede lugar à especializada. No entanto, de acordo com a literatura, campeões de categorias adultas, nem sempre obtiveram grande desta-

que quando jovens (Zakharov, Gomes, 2003). Assim, iniciar a prática esportiva especializada, antes que a criança demonstre prontidão, é investimento incerto que pode não render frutos como atingir o alto nível e o sucesso. Pode, também, gerar efeitos negativos, como o esgotamento e o abandono do esporte.

Outro fator a considerar sobre a especialização esportiva refere-se à natureza das atividades desenvolvidas. Nessa etapa, elas são mais específicas e focadas para determinadas tarefas e objetivos. Assim, se a especialização ocorrer em períodos anteriores, por exemplo, durante a iniciação esportiva, provavelmente limitará o conteúdo desenvolvido e restringirá as possibilidades de aprendizagem.

Iniciação Esportiva na Ginástica Artística

O que é Ginástica Artística? Atualmente, muitos brasileiros têm condições de responder a questão em virtude do destaque da mídia sobre a GA nas Olimpíadas de Atenas. Provavelmente, muitos responderiam que é a modalidade em que os atletas voam em diversas acrobacias; giram nas barras; equilibram na viga de madeira; fazem força, muita força, para manterem-se imóveis em posições inacreditáveis. Esse é o produto final, fruto de anos de treinamento árduo e intensivo.

No entanto, a GA não se limita ao alto nível. Muitos outros aspectos estão implícitos na prática da modalidade, o que a torna importante na iniciação esportiva, ainda que a esmagadora maioria não atinja o alto nível.

Provavelmente o maior benefício da Ginástica e o principal argumento para sua inclusão nos programas de iniciação esportiva seja a promoção do controle corporal, pois ela sugere a prática de diversas ações, como giros, saltos, balanços, deslocamentos e aterrissagens (Russel, 2000). Segundo Nista-Piccolo, "O movimento gímico é capaz de propiciar valiosas experiências para o domínio corporal", (2001, p. 37).

Com base no que se disse, é incoerente exigir que a criança interaja com outros elementos (implementos ou pessoas) e apresente domínio sobre eles sem antes controlar o próprio corpo. A Ginástica pode preparar a criança para atividades posteriores e ajudar, também, em situações de outras modalidades, como a queda durante a partida de basquetebol, por exemplo. Nilges (2000) ressalta que, além de desenvolver capacidades como força, flexibilidade e controle corporal, a Ginástica pode contribuir para a aquisição de outras habilidades esportivas, como o giro de pivô do basquetebol e o salto com vara no atletismo.

Weineck (1999) e Russel (2000) enfatizam as contribuições da GA para o desenvolvimento das capacidades físicas. No entanto, Weineck (1999) enfatiza que, quando a GA é trabalhada em especificidade (etapas mais especializadas), é impor-

tante que se incluam atividades que promovam manipulação e interação entre os indivíduos e o espaço.

Cabe frisar que, para usufruir os benefícios da Ginástica e para que ela seja útil dentro do programa de iniciação esportiva, não é necessário enfatizar a execução perfeita dos movimentos. A estruturação das sessões, assim como das demais modalidades, deveria propor a exploração dos movimentos, respeitando as características dos indivíduos do ponto de vista quantitativo, quanto cada um consegue fazer, e qualitativo, como cada um consegue executar o movimento.

Werner (1994) também destaca as contribuições da prática da GA relacionadas ao aspecto motor, mas enfatiza a influência sobre outros domínios, como o cognitivo, pois através da GA as crianças aprendem mais sobre seu corpo e suas possibilidades de movimento e problemas práticos estimulam a capacidade de analisar, sintetizar e avaliar o movimento; o afetivo, pois desenvolve a capacidade de apreciação e de senso estético, estimula a criatividade através da combinação de movimentos diferentes e a natureza altamente desafiadora da GA desperta qualidades como perseverança e coragem.

Leguet (1987) também enumera algumas contribuições da atividade ginástica, entre as quais destacaríamos: disposição para explorar e experimentar vários movimentos e persistência para realizar movimentos cada vez mais difíceis; manifestação da personalidade e da originalidade através da seleção, coordenação e execução dos movimentos; vivência de situações de avaliação, ainda que informais, ao exibir o fruto do aprendizado; despertar do senso de colaboração e cooperação na execução e segurança do outro; aprendizado do zelo pela organização do ambiente, partilhando tarefas e decisões.

Certamente, todas essas contribuições atribuídas à GA dependem de outros fatores, como o nível em que a prática se manifesta: as características do treinamento serão (ou ao menos se espera que sejam) bem distintas das aulas de iniciação. Outra consideração é a postura de quem orienta a atividade, seja técnico ou professor. Dependendo do direcionamento da prática, certos aspectos podem ser mais ou menos enfatizados.

Há literatura satisfatória para nortear a organização do conteúdo da GA que visa, principalmente, à iniciação (Leguet, 1987; Werner, 1994; Russel, Kinsman, 1986; Malmberg, 2003). Todos esses autores tiveram o cuidado de simplificar o conteúdo, agrupando aqueles com características semelhantes, procurando, simultaneamente, manter a abrangência. A seguir, um exemplo com base no modelo proposto por Malmberg (2003), que considera o ambiente de prática como o elemento principal.

Segundo o autor, alterações no ambiente propiciariam situações de prática eficientes. A mesma atividade pode ser realizada em ambientes diferenciados e, assim, surge uma nova habilidade e amplia-se o repertório motor do praticante. Malmberg ressalta que o praticante habilidoso é aquele que consegue realizar a mesma tarefa em ambientes distintos. As atividades são divididas em cinco categorias, conforme ilustra o quadro 1:

QUADRO 1 – Categorias de Malmberg

| Categoria | Definição |
|------------------------|--|
| Rolar | Movimentos que envolvem rotação nos eixos horizontal, longitudinal e transversal e suas combinações. |
| Saltar | Movimentos que envolvem o uso das pernas e a habilidade de controlar o corpo no ar; as aterrissagens fazem parte dessa categoria. |
| Equilibrar-se | Atividades de equilíbrio estático e dinâmico. |
| <i>Vaulting</i> | Termo associado, tradicionalmente, ao equipamento de salto. Na concepção de Ginástica, <i>vaulting</i> significa a forma de movimentar-se de um ponto ao outro suportando o peso do corpo sobre as mãos. |
| Escalar e suspender-se | Suportar o peso do corpo nessas situações envolve a capacidade de preensão das mãos e de suportar o peso do próprio corpo em situação estática, nas etapas iniciais, e dinâmicas, após algum tempo de prática. |

Com base na divisão apresentada no quadro 1, o autor faz apontamentos sobre o processo de aprendizagem, o qual seguiria três passos:

1. *prática*: privilegiar temas simples em ambientes diferentes e executar os movimentos individualmente ou em duplas;
2. *seqüência*: começar a unir as habilidades da mesma categoria ou com temas de outras em ambientes diferentes, praticar individualmente ou em grupos pequenos;
3. *performance*: criar, refinar e exibir o fruto do aprendizado; iniciar individualmente e evoluir para duplas, trios e assim por diante.

Apesar da alta valorização do papel do ambiente e de suas variações, Malmberg destaca que não é preciso equipamento sofisticado para desenvolver um programa de Ginástica e que materiais adaptados, bem como a sua combinação, são suficientes.

A experiência na Educação Física e no esporte tem mostrado que, muitas vezes, a GA é encarada como “complexa”, visão atribuída ao fato dos profissionais terem o modelo do alto nível. Mas percebemos que existem alternativas simples, como as referências anteriormente citadas, que poderiam ser adotadas pelo profissional da área que deseja desenvolver a GA na Educação Física escolar, na preparação física dos atletas ou nas aulas para iniciantes.

MÉTODO

Optou-se pela pesquisa descritiva, com enfoque qualitativo, pois o objetivo do estudo foi conhecer a realidade de uma situação particular (GA nos programas de iniciação esportiva).

A amostra foi constituída por 10 sujeitos (cinco coordenadores de programas de iniciação esportiva e cinco professores de GA, dos mesmos clubes). Selecionamos aqueles cujos programas estavam consolidados (mais de uma década de existência). A opção pelo clube esportivo foi o fato de ser local comum aos programas de iniciação esportiva no Brasil (Ferreira, 1986).

A técnica de coleta utilizada foi a entrevista semi-estruturada (gravada e transcrita), pois ela permite variações durante a aplicação, caso o investigador julgue necessárias, ainda que existam questões pré-formuladas (Triviños, 1987; Thomas, Nelson, 2002). Essa técnica permite que o pesquisador realize explorações não previstas, o que proporciona certo grau de liberdade, tanto ao entrevistador quanto ao entrevistado (Negrine, 2004).

Para o tratamento dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p. 31), em que os dados são codificados, classificados e categorizados, com o qual é possível realizar uma análise sobre as mensagens que emergem do conteúdo referente aos pontos de interesse da pesquisa. A técnica adequou-se ao estudo, pois a intenção foi avançar e não se limitar aos valores numéricos (quantos professores atuam ou quantas modalidades são oferecidas), mas analisar a opinião dos sujeitos sobre a prática de GA.

A técnica de análise de conteúdo se processa em três momentos.

- I. *Pré-análise*: organização física dos dados (no caso, transcrição das entrevistas), leitura flutuante do texto, primeiro contato com o material, quando emergem as primeiras impressões e orientações, com base no qual é possível formular hipóteses, se o pesquisador julgar necessário;

2. *exploração do material*: codificar os dados, estabelecer as categorias. Para chegar a uma categoria é necessário estabelecer:
 - a. a unidade de registro: “corresponde ao segmento do conteúdo a considerar como unidade de base visando à categorização e à contagem freqüencial” (Bardin, 1977, p. 104). No caso, a unidade de registro adotada foi o tema, definido como “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto”;
 - b. a unidade de contexto: são os segmentos do texto ou da mensagem que refletem o significado das unidades de registro. No caso, como a unidade de registro utilizada foi o tema, as unidades de contexto adotadas foram uma frase, algumas frases ou um parágrafo¹.

As categorias surgirão do agrupamento das unidades de registro e são “rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns a esses elementos” (idem, p. 117);
3. *interpretação referencial*: reflexão sobre os dados e confronto dos mesmos com a literatura.

QUADRO 2 – Exemplo da organização dos resultados
(Em negrito as unidades de registro e em itálico as unidades de contexto)

| Categoria | Unidades de registro e de contexto |
|-----------------------|---|
| Objetivos do programa | <p>Formação geral da criança.</p> <p>C1: <i>“A gente procura formar cidadãos, conscientes da importância da atividade física, da importância do esporte pra socializar, pra fazer amigos, pra fazer bem pro corpo, é, conhecimento das regras, autolimite, de respeitar colegas, de respeitar árbitros, de respeitar adversários, entender o fenômeno esportivo, no sentido de competição, alto rendimento, mas também compreender o esporte como um meio pra socialização, gostar do corpo.”</i></p> <p>Oferecer base motora.</p> <p>C1: <i>“A proposta da escola é dar uma base motora pra todas as crianças, pra quando elas saírem daqui aos 12 anos, elas terem uma base solidificada, pra formar, pra escolher a modalidade que elas querem seguir, sejam elas atletas, sejam elas, eh,, buscadoras de condicionamento físico, socialização, diversão, enfim, pra qualquer contexto que esta criança vá se direcionar.”</i></p> <p>Trazer a criança para o clube.</p> |

1. Em virtude da limitação do espaço, as unidades de contexto não serão apresentadas neste artigo.

| | |
|-----------------------|---|
| Categoria | Unidades de registro e de contexto |
| Objetivos do programa | <p>C2: <i>"Para que ele possa fazer o desporto social, vir no clube no final de semana e saber jogar o basquete, jogar o vôlei, ter o seu grupo social aqui dentro."</i></p> <p>Atender a todos.</p> <p>C3: <i>"...o Clube sempre deu um apoio muito grande, né, a diretoria, para a parte formativa, a parte de escola de esporte, para atender o maior número de associados possível."</i></p> <p>Não necessariamente formar atletas.</p> <p>C1: <i>"Nosso interesse não é formar atleta, agente procura formar cidadãos..."</i></p> <p>f. Abastecer o competitivo.</p> <p>C2: <i>"...fomentar as modalidades competitivas do clube com o associado..."</i></p> |

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As características gerais dos programas

As entrevistas com os coordenadores ofereceram dados preliminares sobre os programas investigados. Assim, foi possível conhecer o ambiente em que os programas de iniciação da GA estavam inseridos, conforme apresentados, resumidamente, no quadro 3.

Ressaltamos dois pontos sobre a estrutura dos programas. O primeiro a respeito de como as modalidades são oferecidas. Entre os programas investigados (C1 e C5), apenas dois clubes trabalham em sistema de rodízio, ou seja, todos os alunos vivenciam todas as modalidades enquanto fizerem parte da iniciação esportiva, e apenas um deles (C1) oferece exclusivamente o programa generalizado.

Dentre os demais programas, dois oferecem um sistema misto (C2 e C3). Assim, até determinada idade, que varia de acordo com o clube, a criança tem acesso ao programa geral e depois parte para as modalidades específicas. No C4, as crianças são inseridas diretamente na iniciação específica das modalidades.

Em certa medida há conflitos entre os programas investigados e a recomendação da literatura, pois a formação multivariada é preconizada na fase de iniciação esportiva, ou seja, a prática de diferentes modalidades esportivas. Apenas C4 apresentou justificativa para abordar um programa geral. Segundo discurso do coordenador, houve tentativa de trabalhar nesse sistema, mas que não se consumou em virtude de sua impopularidade entre as crianças, que ficaram entediadas ao vivenciar as mesmas modalidades em todos os anos da iniciação esportiva e da pressão dos pais por atividades mais específicas.

Ainda sobre a estrutura do programa, percebemos que a GA é diferenciada.

Em quatro dos cinco clubes o acesso ao curso específico de GA ocorre mais cedo em relação às outras modalidades, como por exemplo, as coletivas. Nesses casos, as crianças têm opção de praticar o programa geral, só o programa específico ou ambos. No entanto, a concorrência de dois modelos de programas não parece muito saudável, pois a literatura recomenda a prática variada de diferentes modalidades.

Por outro lado, em nenhum momento os coordenadores justificaram a necessidade dessa iniciação antecipada, talvez, deixando transparecer a “crença” de que a iniciação, de certa maneira, precoce é necessária. Ao longo do discurso dos coordenadores, entretanto, não transpareceu uma posição favorável à iniciação precoce, ao contrário, os relatos mostraram-se, em alguns momentos, opostos a essa situação. Então fica a pergunta: para que iniciar de maneira precoce e especializada práticas esportivas como a GA? Talvez a resposta para essa questão esteja relacionada a aspectos culturais e sociais que não serão foco do presente estudo.

Além da estrutura dos programas, o discurso dos coordenadores ofereceu informações sobre a categoria “objetivos do programa”, de que destacamos as seguintes unidades de registro:

- Formação geral da criança: os clubes mostraram-se preocupados, tanto com a formação motora da criança, quanto a outros aspectos, como o cognitivo e o afetivo. E mais, salientaram a importância de formar a criança, como praticante e apreciadora do esporte. Despertar o gosto pelo esporte para desenvolver um estilo de vida saudável também foi um ponto enfatizado pelos coordenadores.
- Oferecer base motora: foi salientada a importância da prática de diferentes modalidades que possibilite a opção posterior de uma delas, se esse for o desejo da criança.
- Levar a criança para dentro do clube: proporcionar situações para que a criança se torne freqüentadora do clube e crie vínculos de amizade nesse ambiente.
- Atender a todos: foi enfatizado o fato de que todas as crianças são aceitas nos programas, sem exclusão por tipo físico ou talento para determinada modalidade.
- Não necessariamente formar atletas: a princípio, os programas não visam à formação de atletas. O fato pode ser consequência do trabalho realizado, mas não objetivo do mesmo.
- Abastecer o competitivo: alguns clubes ressaltaram que como existe o departamento competitivo, em certa medida é natural que algumas crianças mais aptas sejam direcionadas para as equipes competitivas.

QUADRO 3 – Resumo das características dos programas dos clubes

| Identificação (clubes esportivos) | Público atendido (idade em anos) | Atividades e modalidades oferecidas | Sistema | Tempo de aula e frequência | Tempo do programa (em anos) |
|-----------------------------------|----------------------------------|---|----------------|-----------------------------------|-----------------------------|
| C1 | 5 a 12 | Vôlei, basquete, GA, atletismo, handebol, futebol e tênis. Programa geral*, futebol, vôlei, basquete, GA, saltos ornamentais, judô, polo aquático, <i>flag football</i> , atletismo. | Geral Misto | 1h30, 2x/sem 2 h, 2x/sem | 25 30 |
| C2 | 4 a 17 | Programa geral*, jogos pré-desportivos, vôlei, basquete, GA, handebol, futebol, judô, karatê, natação. | Misto | 45 min, 2x/semana | 16 |
| C3 | 3 a 12 | Programa geral*, esportes coletivos, introdução aos esportes de raquete, GA, Ginástica Rítmica, judô, trampolim acrobático, vôlei, basquete, handebol, futebol, natação, pólo, nado sincronizado, <i>badminton</i> , esgrima, xadrez. | Específica | 45 min a 1 h, 2x/sem | 20 |
| C4 | 3 a 14 | | | | |
| C5 | 3 a 10 | GA, jogos recreativos, psicomotricidade, manejo de bola, atletismo, esgrima, natação, xadrez, tênis, futebol, basquete, vôlei, <i>tchoukball</i> . | Geral | Variável de acordo com a idade, | |

* O programa geral refere-se a atividades oferecidas para as crianças de 3 a 4 anos de idade, que incluem habilidades motoras básicas, ritmo e atividades recreativas.

O segundo ponto que podemos salientar em relação às características gerais dos programas refere-se à GA. Foi possível organizar as respostas dos coordenadores na categoria “escolha da modalidade GA”, que faz parte de todos os programas. Na categoria foram levantadas duas unidades de registro, das quais destacamos:

- modalidade completa: os coordenadores ressaltaram o caráter básico da GA, em virtude das diversas capacidades físicas desenvolvidas, considerando-a muito eficiente dentro do programa de iniciação esportiva.

Como consideram a modalidade tão funcional na formação esportiva, esperaríamos que ela fizesse parte de todos os programas, para todas as crianças. No entanto, nas instituições investigadas não é o que realmente ocorre.

Apesar de ser exaltada pelos benefícios que proporciona, apenas C1 e C5 oferecem a GA para todos os alunos, no sistema de rodízio de modalidades. Nos demais clubes, apenas praticam GA aqueles que se inscrevem no curso específico. Ora, se existem tantos benefícios assim, se a modalidade em questão é realmente tão completa, por que não estimular a prática entre todos os alunos?

Essa contradição pôde ser observada ao longo de todo o discurso dos coordenadores que, de certa forma, entendem a GA como específica e desconhecem sua aplicação (como propõem Leguet, 1987; Werner, 1994; Russel, Kinsman, 1986; Malmberg, 2003), ou ainda, por desconhecê-la a modalidade em geral, consideram-na, por exemplo, de alto risco.

Características dos programas de GA

Segundo o depoimento dos professores, na categoria “objetivos” da GA encontram-se duas unidades de registro: as habilidades a serem aprendidas e a passagem para um nível superior de aprendizagem.

O primeiro tema emergiu por relatarem os professores, frequentemente, seus objetivos em forma de habilidades ginásticas como rolamentos, estrela, rodante, paradas, saltos, giros, entre outros. Traçar o objetivo no aprendizado de determinadas habilidades pode ser reflexo da falta de referencial teórico ou de sua utilização inadequada. Prender-se somente às habilidades a serem aprendidas parece limitar o leque de possibilidades que a GA pode oferecer, como foi possível observar na organização proposta por Leguet (1987), Werner (1994), Russel e Kinsman (1986) e Malmberg (2003).

A formação multivariada que deve ocorrer na iniciação esportiva (Greco, Benda, 1998; Peña, Chaurra, Zaluaga, 1998; Weineck, 1999; Bompá, 2000) também pode acontecer dentro de uma única modalidade, como propõe Candeias (1998). Ao adotar as habilidades como objetivo principal de seus programas, a variedade cederia lugar à especificidade.

A passagem de nível (dos que envolvem atividades mais fáceis para aquelas mais difíceis) foi outro tema que emergiu das entrevistas. Assim, espera-se que as crianças atinjam um nível de “desempenho” que permita sua promoção para o nível superior. A necessidade do desempenho não parece condizente com as propostas dos programas de iniciação investigados, pois caracteriza a busca de resultados. Considerando-se que a preocupação dos programas é de atender a todos, como mencionado pelos coordenadores, o procedimento de passar de nível pode desestimular alguns alunos que apresentam mais dificuldades e não conseguem a promoção. Ou ainda, pode afastar as crianças que desejariam praticar a modalidade, mas

pensam (ou seus pais pensam) que não possuem condições suficientes para engajarem-se no programa.

No entanto, nem todos os clubes apresentaram essa estrutura, em especial aqueles que funcionam em sistema de rodízio de modalidades. Nesses clubes não existem níveis, as turmas são divididas somente por faixa etária. Assim, os grupos são automaticamente promovidos, independente do desempenho apresentado. A divisão por níveis parece mais pertinente a turmas de treinamento, nas quais a homogeneidade do nível técnico dos atletas facilita, sobremaneira, o trabalho dos técnicos.

Na categoria “referencial teórico” os professores citaram referências diferentes (as unidades de contexto) como ponto de partida para o desenvolvimento da GA. Acrescido da teoria, outro fator mencionado como importante para o planejamento do programa é a experiência profissional na modalidade.

As séries da Federação Paulista de Ginástica – FPG – (2003) constituem no referencial para dois clubes (C1 e C4). No entanto, em outros momentos, C2 e C3 mencionaram que também participam de campeonatos que seguem as séries da FPG, e, portanto, essas também se tornam seu referencial. Embora as séries da FPG sejam o ponto de partida, os professores tiveram o cuidado de mencionar que o conteúdo é muito mais abrangente e não se limita somente ao que é proposto nessas séries.

Leguet (1987) foi mencionado pelos clubes C2 e C3. O autor propõe o trabalho das “ações motoras” e não propriamente das habilidades da GA. Partindo das ações, chegaria-se às habilidades. Porém, quando os mesmos clubes tratam de objetivos ou conteúdos, mencionam claramente as habilidades da GA, o que caracterizamos como incoerente.

As atividades de GA oferecidas nos clubes investigados podem ser divididas de acordo com duas características: caráter lúdico e habilidades.

A presença do aspecto lúdico é adequada ao programa de iniciação, pois, como enfatizado por C1, desperta o gosto pelo esporte. A visão da atividade ginástica como uma grande brincadeira é elucidada por Malmberg (2003) em sua proposta e por Russel e Kinsman (1996) quando tratam dos *FUNDamentals*, considerando que um dos elementos do trabalho da GA é a diversão e o prazer pela prática.

Eleger as habilidades como as principais atividades para o ensino da GA não significa, necessariamente, que a aula ou treino se tornará algo maçante e repetitivo. Mas, ao se prender somente no ensino das habilidades, as possibilidades motoras seriam limitadas. Certamente, o trabalho de habilidades pode adquirir caráter lúdico, mesmo que isso não tenha sido enfatizado nas respostas. O

que determinará a intensidade do aspecto lúdico na aula, ou quanto da criatividade dos alunos poderá ser aproveitada, será a postura adotada pelo professor no ensino da GA.

Na categoria “influência da GA sobre outras modalidades”, foram salientados três pontos principais: os professores acreditam que a GA é uma modalidade básica, que existe interação entre as modalidades e que a GA complementa outras modalidades.

As opiniões dos professores aproximam-se tanto do pensamento dos próprios coordenadores dos programas, como da visão de autores como Weineck (1999), Russel (2000) e Nilges (2000).

O caráter básico das atividades desenvolvidas diz respeito, principalmente, ao controle corporal, ao desenvolvimento do acervo motor e das capacidades físicas proporcionadas pela GA, corroborando com Nista-Piccolo (2001) e Russel (2000).

Ao tratar da interação entre as modalidades, os professores destacam a boa participação de seus alunos em outras modalidades, o que está de acordo com os pressupostos de Nilges (2000).

A complementação citada pelos professores reflete a opinião deles de que as crianças têm maior contato com outras modalidades denominadas de quadra ou coletivas, e que a GA pode trazer elementos que não são abordados nesses contextos. No entanto, o professor de C4, ressalta a importância de que praticantes de GA tenham vivências em outras modalidades, pois a GA também não inclui alguns elementos que devem ser trabalhados, como por exemplo, os de manipulação.

Os professores que trabalham nos clubes em sistema de rodízio estão muito preocupados em estabelecer a ligação entre a GA e outras modalidades, pois pode ser uma estratégia para envolver alunos menos interessados na modalidade, considerando que todos são “obrigados” a passar por todas as modalidades. Atribuir valores àquilo que se faz e identificar o sentido da ação certamente contribui para que a atividade seja prazerosa e interessante. De maneira mais ampla, a estratégia pode colaborar para que uma das funções dos programas de formação esportiva se cumpra, ou seja, o desenvolvimento do gosto pela prática. O fazer pelo fazer ou a prática por obrigação certamente não coadunam em nada com esse objetivo.

Ao traçar um paralelo entre as características dos programas apresentados pelos clubes e aquelas do programa de GA, diríamos que eles apresentam muitos pontos convergentes, que eram esperados, como o atendimento a todos, a não-seletividade e a inexistência de expectativa em torno de resultados.

As maiores divergências encontram-se na divisão de níveis dentro da modalidade, que pode sugerir certo caráter excludente. Embora a divisão facilite o traba-

lho do profissional que atua na GA, ao mesmo tempo atribui caráter de especificidade à atividade, pois torna-se importante atingir certo patamar de execução para que se seja promovido ao próximo nível.

No entanto, a escolha não é responsabilidade única do profissional que atua diretamente com a modalidade, mas de todo o sistema envolvido e comprometido com a formação esportiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi surpreendente constatar que ainda há certas incertezas e incoerências em respeito ao desenvolvimento da GA nos clubes investigados, conhecimento que deveria ser de domínio dos profissionais de Educação Física e de esporte.

Em primeiro lugar podemos destacar a questão da idade de início da prática da GA. Ainda que a literatura condene a especialização precoce e proponha padrões de idade de início da prática esportiva, os clubes permitem que a GA seja iniciada precocemente. O fato poderia ser reflexo da influência da imagem da GA de alto nível, da qual fazem parte meninas muito novas. Certamente, o momento da especialização deve existir, mas será que realmente é necessário que seja tão precoce? Alguns poderiam responder que a criança tem muito “jeito” ou talento para a modalidade e, por isso, deve-se investir desde cedo. No entanto, mesmo no caso dos talentos, seria prejudicial se a criança experimentasse antes outras modalidades esportivas? E se a criança desejar praticar a modalidade em um sistema de treinamento depois de alguns anos? Será que vale a pena lhe furtar essas experiências?

O segundo ponto que destacaríamos é a forma como a GA é trabalhada nos clubes. Ao analisarmos o conjunto das respostas dos professores parece que, nos programas investigados, o caminho da iniciação da GA, dentro de programas de iniciação esportiva, não está muito claro. O que se deve ter em mente durante o desenvolvimento da GA nesse contexto, é a importância da variedade de experiências motoras, fato que pode ser podado com a adoção de um referencial teórico ou objetivo equivocado. Assim, deve-se pensar na GA de forma mais abrangente possível. Em vez de adotar-se o aprendizado das habilidades ginásticas como objetivo, desenvolver o controle corporal. Em vez de adotar-se uma série pré-estabelecida, fazer uso de referências mais generalistas que trabalham os diversos grupos de movimentos. Em vez de passar de nível, melhorar seu próprio nível.

Provavelmente, o maior desafio ao mudar o foco de uma ginástica restrita para uma mais abrangente, seja a paciência, uma virtude de poucos. Os resultados específicos da GA demorariam mais para aparecer, mas, certamente, os ganhos

para as crianças em todos os seus aspectos, físico, cognitivo, afetivo e motor; seriam imensuráveis.

Sport Initiation and Childhood: A view over Artistic Gymnastics

ABSTRACT: Nowadays, sport initiation is an issue that arises many discussions. The literature recommends that children should practice a variety of sports during this phase, mainly to develop a large motor repertoire and, afterwards, they would be ready to choose the sport to which they want to dedicate. The Artistic Gymnastics (AG) is one of the possibilities within sport initiation programs. The purpose of this study was to investigate how the process of sport initiation in AG is oriented in sport clubs in the city of Sao Paulo. For data gathering we used a semi-structured interview and the content analysis was used for the treatment of data. The results revealed that the course of sport initiation in AG is not clear, and maybe it is a reflection of an emphasis upon results.

KEY-WORDS: Sport initiation; artistic gymnastics; childhood.

Iniciación deportiva e infancia: Una mirada sobre la gimnasia artística

RESUMEN: Actualmente, la iniciación deportiva es un tema que genera mucha polémica. La literatura aconseja que durante esa fase el niño deba practicar diversos deportes, principalmente para desarrollar una base motora variada, y así estar apto para escoger una modalidad a la cual dedicarse. La Gimnasia Artística (GA) es una de las posibles modalidades dentro de los programas de iniciación. El objetivo del estudio fue investigar como se procesa el inicio de la práctica en la GA en clubes de São Paulo. Para la recolección de datos se utilizó la entrevista semi-estructurada y para el tratamiento de los datos, el análisis de contenido. Los resultados revelaron que los caminos de iniciación deportiva en la GA no son claros, lo que puede ser reflejo de una predominancia en la búsqueda de resultados.

PALABRAS CLAVE: Iniciación deportiva; gimnasia artística; infancia.

REFERÊNCIAS

ADELINO, J.; VIEIRA, J.; COELHO, O. Jovens no desporto – Um pódio para todos. *Treino Desportivo*. Lisboa, 3ª série, ano I, n. 2, p. 19-32, 1998.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOMPA, T. O. *Total training for young champions*. Champaign: Human Kinetics, 2000.

CANDEIAS, J. G. Crianças e formação desportiva. *Treino Desportivo*, Lisboa, n. 1, p. 3-10, 1998. (Edição especial)

FEDERAÇÃO PAULISTA DE GINÁSTICA. *Regulamento Ginástica Artística*, 2003. CD-ROOM.

FERREIRA, M. B. R. Youth sport in Brazil. In.: WEISS, M. R.; GOULD, D. *Sport for children and youth*. Champaign: Human Kinetics, 1986.

GAYA, A. C.; TORRES, L.; BALBINOTTI, C. Iniciação esportiva e a educação física escolar. In.: SILVA, F. M. *Treinamento desportivo: aplicações e implicações*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, p. 15-25, 2002.

GRECO, R. P.; BENDA, R. N. *Iniciação esportiva universal*. v. 1. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

LEGUET, J. *As ações motoras em ginástica esportiva*. São Paulo: Manole, 1987.

MALMBERG, E. *Kidnastic*. Champaign: Human Kinetics, 2003.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. *A pesquisa qualitativa em Educação Física*. Porto Alegre: UFRGS Editora, Sulina, p. 61-94, 2004.

NILGES, L. M. Teaching educational gymnastics. *Teaching elementary physical education*. Columbia, v. 11, n. 4, jul., p. 6-9, 2000.

NISTA-PICCOLO, V. L. Crescendo com a ginástica. In.: _____. *Pedagogia dos esportes*. Campinas: Papirus, 2001.

PEÑA, N. M.; CHAURRA, J. T.; ZULUAGA, L. F. A. *Escuelas de formación deportiva y entrenamiento deportivo infantil*. Armenia: Editorial Kinesis, 1998.

RUSSEL, K. Ginástica – Por que ela faz parte do currículo escolar? Trad. Myrian Nunomura. *Revista Mineira de Educação Física*. Viçosa, v.1, n. 8, p.103-108, 2000.

RUSSEL, K.; S. KINSMAN, T. *Coaching certification manual – gymnastics level 1*. Gymnastique Canada Gymnastics, 1986.

THOMAS, J.; NELSON, J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Trad. Ricardo Petersen. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WEINECK, J. *Treinamento ideal*. Trad. Beatriz Maria Romano Carvalho. São Paulo: Manole, 1999.

WERNER, P. *Teaching children gymnastics*. Champaign: Human Kinetics, 1994.

ZAKHAROV, A; GOMES, A. C. *Ciência do treinamento desportivo*. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 2003.

Recebido: 1 out. 2004

Aprovado: 11 nov. 2004

Endereço para correspondência

Rua Paraguassú, nº 52, Santana

São José dos Campos – SP

CEP 12212-110